

FATORES PREDITORES DE SINTOMAS DE DEPRESSÃO EM ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS

PREDICTORS OF DEPRESSION SYMPTOMS IN UNIVERSITY STUDENTS

Alexandre Henrique Amado da Matta **1**

Victor Mayer dos Santos Câmara **2**

Heron Laiber Bonadiman **3**

Resumo: A pesquisa analisou 1118 prontuários de atendimentos psicológicos realizados com estudantes universitários entre 2015 e 2018, por meio de um estudo documental. Utilizou-se estatística descritiva para análise de frequências e porcentagens, além de estatística inferencial, com Regressão Logística Binária, para identificar fatores preditores de sintomas de depressão. Os resultados indicaram maior probabilidade de desenvolvimento desses sintomas entre estudantes com conflitos emocionais, ansiedade, dificuldades acadêmicas, estresse e dificuldades de adaptação, com razões de chance variando de 1,9 a 3,2. Conclui-se que as práticas acadêmicas influenciam o surgimento desses sintomas, mas a universidade pode adotar medidas para mitigá-los.

Palavras-chave: estudantes universitários, saúde mental, depressão, fatores preditores, universidade.

Abstract: The study analyzed 1118 psychological care records of university students from 2015 to 2018 through a documentary research approach. Descriptive statistics were used to analyze frequencies and percentages, while inferential statistics, through Binary Logistic Regression, identified predictive factors for depression symptoms. The results indicated a higher probability of developing these symptoms among students with emotional conflicts, anxiety, academic difficulties, stress, and adaptation difficulties, with odds ratios ranging from 1.9 to 3.2. It is concluded that academic practices influence the emergence of these symptoms, but the university can implement measures to mitigate them.

Keywords: university students, mental health, depression, predictive factors, university.

- 1** Mestre em Ciências Humanas pela Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM), especialista em Gestão do Serviço Público pela UFVJM, graduado em Psicologia pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Atualmente é psicólogo da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0581704063796879>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2022-9315>. E-mail: alexandredamatta@gmail.com
- 2** Mestre em Ciências Humanas pela Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM), especialista em Psicologia do Trânsito pela Universidade Cândido Mendes (UCAM), graduado em Psicologia pela Centro Universitário de Lavras (UNILAVRAS), cursa Pós-Graduação em Terapia Cognitivo Comportamental na Faculdade FAVENI. Atualmente é Professor da Universidade Professor Edson Antônio Velano (UNIFENAS). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1412047682122208>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2342-4629>. E-mail: victor.mayer@gmail.com
- 3** Doutor em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas), Mestre em Processos Socioeducativos e Práticas Escolares pela Universidade Federal de São João Del-Rei (UFSJ), graduado em Psicologia pela Universidade Federal de São João Del-Rei (UFSJ). Professor permanente do Programa de Pós-graduação em Ciências Humanas da UFVJM. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2433633106021099>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3734-3790>. E-mail: heronbonadiman@gmail.com

Introdução

Os estudantes universitários recém ingressos têm se deparado com um momento bastante desafiador em suas vidas: o acesso ao ensino superior. Isso decorre sobretudo em função de uma série de mudanças organizacionais na estrutura e na forma de acesso ao ensino superior brasileiro que gerou significativa mudança no perfil desse novo acadêmico, que vem apresentando dificuldades em lidar com as pressões e exigências desse contexto educativo e relacional.

De acordo com Coulon (2017), as principais mudanças no acesso ao ensino superior brasileiro surgiram a partir das transformações geradas pelo Programa de Financiamento Estudantil (FIES), pelo Programa Universidade para Todos (PROUNI), pelo Programa de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI), iniciados, respectivamente em 1999, 2004 e 2008. Segundo o autor, “a conjunção dessas políticas provocou um processo de democratização do acesso ao ensino superior brasileiro, produzindo uma modificação progressiva do perfil dos estudantes universitários no Brasil” (Coulon, 2017, p. 1241).

Zabalza (2004) entende que as transformações ocorridas nas universidades têm levado ao que chamou de massificação do ensino e heterogeneidade dos estudantes, assim como, gerou uma redução de investimento pelo Estado, criou novas exigências pelo mercado de trabalho e novas orientações do processo formativo, que fizeram com que se passasse a investir muito mais na produção e na profissionalização dos estudantes.

Nesse sentido, Trein e Rodrigues (2011) entendem que esse caminho tem gerado mal-estar na comunidade acadêmica, segundo os autores:

Um mal-estar assombra a Academia: o mal-estar provocado pelo fetiche do conhecimento-mercadoria e o seu canto de sereia – o produtivismo. Professores, pesquisadores e estudantes universitários, e até mesmo os chamados ‘gestores de Ciência & Tecnologia’, enfim, a Academia parece estar desagradada e, em alguma medida, degradada pela direção e pelo ritmo do desenvolvimento das transformações em curso (Trein; Rodrigues, 2011, p. 769).

Todo esse cenário tem mostrado que “hoje, o problema, portanto, não é mais entrar na universidade, o problema é permanecer na universidade e ter sucesso no percurso formativo” (Coulon, 2017, pp. 1241-1242).

Além de afetar a formação, percebe-se que todas essas transformações acabam refletindo também na saúde mental dos estudantes. Para se entender como esse processo tem ocorrido, o Fórum Nacional de Pró-Reitores de Assuntos Comunitários e Estudantis (FONAPRACE) das Instituições Federais de Ensino Superior (IFES), divulgou o resultado da V Pesquisa do Perfil Socioeconômico e Cultural dos Estudantes de Graduação, que foi realizada com um milhão, duzentos mil e trezentos estudantes, distribuídos por 65 IFES, ingressantes até o ano de 2018, matriculados em 355 cursos (FONAPRACE, 2019).

Essa pesquisa teve como objetivo analisar o perfil socioeconômico e cultural dos discentes. Dedicou-se também na investigação das dificuldades emocionais que interferem na vida acadêmica desses estudantes. De acordo com os resultados, 83,5% dos estudantes responderam que vivenciam alguma dificuldade emocional que afetam a vida acadêmica, sendo que 63,6% dessas dificuldades emocionais se referem a problemas ou sensações de ansiedade, 22,9% à tristeza persistente, 28,2% ao desamparo/desespero, 45,6% ao desânimo/desmotivação, 23,5% à solidão, 10,8% à ideia de morte e 8,5% ao pensamento de suicídio (FONAPRACE, 2019). Dos estudantes que relataram tais dificuldades, 11,1% fazem tratamento psicológico, 7,5% fazem uso de medicação psiquiátrica. No entanto, 63,7% dos estudantes investigados nunca procuraram alguma forma de tratamento (FONAPRACE, 2019).

Dados da Organização Pan-Americana de Saúde (OPAS) de 2018 estimam que em todo o mundo mais de 300 milhões de pessoas sofrem de depressão (OPAS, 2018). Em níveis moderados ou graves, a depressão pode levar a saúde a condições críticas, pois gera grande sofrimento à pessoa acometida, afetando o seu rendimento no trabalho, nos estudos e nos relacionamentos.

Esse quadro psíquico também é responsável por boa parte dos suicídios e é diagnosticado como *causa mortis* de 800 mil pessoas por ano (OPAS, 2018). Esta é a segunda mais frequente causa da morte entre estudantes universitários (Santos *et al.*, 2017). Além da pesquisa desenvolvida pela FONAPRACE, outros estudos sobre a saúde mental dos estudantes de graduação brasileiros estão sendo conduzidos nas IFES e serão apresentados em seguida.

Carvalho *et al.* (2015), utilizando uma amostra de 1112 estudantes de graduação de uma Instituição de Ensino Superior do Noroeste do Paraná, identificaram que os maiores escores de ansiedade foram reconhecidos entre discentes do sexo feminino e matriculados no Centro de Ciências Biológicas e da Saúde. Lameu, Salazar e Souza (2016) identificaram, através de um estudo com 635 estudantes de uma Universidade Pública, a prevalência de 50% de estresse. A maior parte dos casos foi contatada junto ao público universitário do sexo feminino que mora em residências estudantis e tem pouco contato com a família.

Castro (2017) realizou pesquisa junto a 26 estudantes, de ambos os sexos, do nono e décimo primeiro período de engenharia de uma Instituição Pública de Ensino Superior. A aplicação de inventários avaliativos identificou aspectos relacionados à saúde mental: 62% da amostra apresentou estresse, 26,8% se encontravam em faixas de depressão, 31% apresentavam níveis de ansiedade e 3,8% viviam situação de burnout.

Souza (2017) avaliou 384 estudantes da Universidade Federal do Triângulo Mineiro e identificou, a partir da aplicação de questionários, escalas e inventários de saúde mental, que 47% dos universitários apresentaram sentimento de solidão, 59,2%, sintomas depressivos, 70,4%, sintomas de ansiedade e 78,1%, com o quadro de estresse.

No estudo de Gomes, Comonian e Araújo (2018) desenvolvido com 10 acadêmicos de uma Universidade Federal da Região Sul Mineira foi identificada a presença de sentimentos de isolamento, solidão, tristeza e competitividade dentro dos espaços das salas de aula e em outros espaços relacionais.

Em estudo com a análise de 102 prontuários de atendimento psicológico realizados no ano de 2011 na Universidade do Oeste de Santa Catarina, Pinho (2016) identificou que a predominância de atendimentos para estudantes da área da saúde, do gênero feminino, da faixa etária de 21 a 25 anos. As principais queixas identificadas, nos prontuários, foram déficits de habilidades sociais, transtorno depressivo e transtorno de ansiedade.

Ramos *et al.* (2018) realizaram uma pesquisa sobre o perfil dos estudantes de graduação que receberam atendimento psicológico na Universidade Federal do Espírito Santo, servindo-se dos dados cadastrais de 166 atendimentos feitos entre 2015 e 2016. Observou-se que a maior busca por atendimento ocorreu entre estudantes do sexo feminino, 68,7%, em seu primeiro curso superior 92,41%, recebendo algum tipo de bolsa ou auxílio, 75,8%, matriculados do 1º ao 3º, períodos, 41,66%, em cursos matutino, 6,4%.

Pode-se perceber que alguns dos estudos citados são conduzidos com dados de atendimentos realizados por psicólogos a estudantes universitários. De acordo com Akama (2019, p. 80), os dados dos atendimentos psicológicos permitem um “olhar privilegiado”, pois como observado por Matta, Câmara, Bonadiman (2019):

Possibilitam o contato direto dos psicólogos do Serviço com as queixas apresentadas, com os processos de sofrimento e produção de subjetividades delas decorrentes e com os fatores promotores de saúde e adoecimento das pessoas que fazem parte dessa comunidade (Matta; Câmara; Bonadiman, 2019, p. 49-50).

Diante disso, a presente pesquisa teve como objetivo identificar e analisar fatores preditores de sintomas de depressão em estudantes universitários da UFVJM.

Metodologia

A presente pesquisa é um estudo documental realizado por meio da análise de prontuários de atendimento psicológico, de natureza observacional, com corte transversal, do tipo correlacional e de levantamento (Selltiz; Wrightsman; Cook, 1987).

Foram analisados 1118 atendimentos psicológicos realizados junto a estudantes de graduação presencial do *campus* sede da UFVJM no período de 2015 a 2018. É neste campus, localizado em Diamantina/MG, que se encontra a maior parte dos estudantes da Universidade. Não houve a identificação dos sujeitos investigados.

Como fonte de dados, utilizaram-se os dados do Prontuário Psicológico Eletrônico (PPE), relativos aos atendimentos psicológicos individuais cedidos pelo Serviço de Psicologia da UFVJM.

No prontuário, aparece registrado, em formato de planilha eletrônica do *Microsoft Excel*[®], cada um dos atendimentos psicológicos individuais realizados na Universidade. Os PPE foram preenchidos pelos usuários do serviço com seus dados pessoais e pelo psicólogo responsável pelo atendimento com o relato descritivo que reflete sua percepção sobre o que foi discutido no atendimento. Em um campo específico dos Prontuários, são selecionadas as principais queixas e os principais sintomas identificados no atendimento.

As variáveis consideradas pelas análises desta pesquisa foram sistematizadas como dependentes ou independentes.

A variável sintomas de depressão¹ foi definida como dependente categórica dicotômica, pois os estudantes que receberam o atendimento psicológico podem ou não apresentar esse tipo de sintoma, sendo assim, o fator desfecho se caracteriza pela presença ou ausência dessa variável no prontuário dos estudantes.

As variáveis independentes foram distribuídas em dois blocos:

Bloco 1: Dados pessoais: gênero (feminino e masculino); faixa etária (17 a 20 anos, 21 a 24 anos e acima de 25 anos); unidades acadêmicas (Faculdade de Ciências Exatas e Tecnológicas [FACET], Faculdade de Ciências Agrárias [FCA], Faculdade de Ciências Biológicas e da Saúde [FCBS], Faculdade Interdisciplinar em Humanidades [FIH] e Instituto de Ciência e Tecnologia [ICT]); tempo de curso (primeiro, segundo, terceiro, quarto, quinto e sexto ano em diante); assistência estudantil (recebe e não recebe a assistência).

Bloco 2: Principais queixas: conflitos emocionais (tensão interna no sujeito, provocada pelas dificuldades de compreender e expressar o que sente, o que deseja e o que pensa) (APA, 2014); conflitos de relacionamento (dificuldades de se relacionar com os familiares, parceiros, amigos, conhecidos etc. o que muitas vezes provoca brigas e discussões e geram sofrimento) (APA, 2014); dificuldades acadêmicas (dificuldades do cotidiano do estudante em como lidar com os estudos, atividades avaliativas, entender os conteúdos disciplinares e que afetam seu desempenho acadêmico) (APA, 2014); dificuldades de adaptação; estresse; e sintomas de ansiedade (inquietação ou sensação de estar no limite; cansar-se facilmente; dificuldade de concentração; irritabilidade; tensão muscular; e distúrbios do sono) (APA, 2014), com as categorias divididas em estudantes que apresentam e não apresentam essas queixas.

Os dados foram analisados através do software IBM SPSS[®], versão 22, para Microsoft Windows[®] 10, com o objetivo de identificar possíveis associações entre as variáveis. Para isso, foram realizados os testes: qui-quadrado de independência (Dancey; Reidy, 2006), post hoc do qui-quadrado com as tabelas de contingências (Macdonald; Gardner, 2000) e Regressão Logística Binária (FIELD, 2009). Nos testes foi considerado o intervalo de confiança de 95% (IC 95%) e o valor-p associado inferior ou igual a 0,05 ($p \leq 0,05$).

Verificou-se que os dados atenderam aos pré-requisitos para a realização da Regressão Logística Binária, ou seja, os dados apresentam uma frequência mínima adequado (maior que 10 por variável independente); não foram reconhecidos *outliers*, dados que se diferenciam drasticamente de todos os outros e não se observou alta correlação entre as variáveis, multicolinearidades. Os valores de tolerância foram maiores que 0,1 e os valores de *Variance Inflation Factor* (VIF) foram

1 De acordo com APA (2014) fazem parte dos sintomas de depressão, principalmente: a diminuição do prazer em atividades antes consideradas interessantes para a pessoa; as alterações não intencionais do peso; a dificuldades para dormir ou excesso de sono; os problemas psicomotores, como agitação ou lentidão nos movimentos; o cansaço anormal; a dificuldade de concentração; o sentimento de culpa e inutilidade; e os pensamentos de suicídio ou morte.

inferiores a 10.

Não se fez necessária a submissão no Comitê de Ética. A pesquisa foi realizada com banco de dados sem a identificação dos sujeitos. De acordo com a Resolução 510/16 do Conselho Nacional de Saúde, em seu "Artigo 1º, parágrafo único, resolve: não serão registradas nem avaliadas pelo sistema CEP/CONEP: [...] V - pesquisa com bancos de dados, cujas informações são agregadas, sem possibilidade de identificação individual" (CONEP, 2016).

Resultados

Os resultados das análises dos 1118 atendimentos psicológicos individuais realizados a estudantes de graduação presencial da UFVJM entre os anos de 2015 a 2018 estão dispostos nas Tabelas 1 e 2.

Na Tabela 1, são apresentadas a frequência e a porcentagem da variável dependente (sintomas de depressão) em relação às variáveis independentes do bloco de dados pessoais (gênero, faixa etária, unidades acadêmicas, tempo no curso, assistência estudantil).

Tabela 1. Frequência e porcentagem de sintomas de depressão em relação aos dados pessoais

Variáveis independentes	Categorias	n	Variável dependente Sintomas de depressão					
			Apresenta		Não apresenta		Total	
			n	%	n	%	n	%
Gênero	Masculino	300	87	29,0	213	71,0	1118	100
	Feminino	818	286	35,0	532	65,0		100
Faixa etária	17 a 20 anos	340	120	35,3	220	64,7	1114	100
	21 a 24 anos	531	163	30,7	368	69,3		100
	Acima de 25 anos	243	89	36,6	154	63,4		100
Unidades acadêmicas	FACET	72	26	36,1	46	63,9	1082	100
	FCA	139	45	32,4	94	67,6		100
	FCBS	253	83	32,8	170	67,2		100
	FIH	256	90	35,2	166	64,8		100
	ICT	362	115	31,8	247	68,2		100
Tempo no curso	Primeiro ano	273	101	37,0	172	63,0	1108	100
	Segundo ano	243	77	31,7	166	68,3		100
	Terceiro ano	214	60	28,0	154	72,0		100
	Quarto ano	201	70	34,8	131	65,2		100
	Quinto ano	116	34	29,3	82	70,7		100
	Sexto ano em diante	61	28	45,9	33	54,1		100
Assistência estudantil	Recebe	367	133	36,3	234	63,7	1095	100
	Não recebe	728	234	32,1	494	67,9		100

Nota: N = 1118.

Fonte: Elaborado pelos autores.

Na Tabela 2 são apresentadas a frequência e a porcentagem da variável dependente (sintomas de depressão) em relação às variáveis independentes do bloco com as principais queixas (conflitos emocionais, conflitos de relacionamento, dificuldades acadêmicas, dificuldades de

adaptação, estresse e sintomas de ansiedade).

Tabela 2. Frequência e porcentagem de sintomas de depressão em relação as principais queixas

Variáveis independentes	Categorias	n	Variável dependente Sintomas de depressão					
			Apresenta		Não apresenta		Total	
			n	%	n	%	n	%
Conflitos emocionais	Apresenta	378	200	52,9	178	47,1	1118	100
	Não apresenta	740	173	23,4	567	76,6		100
Conflitos de relacionamento	Apresenta	389	151	38,8	238	61,2	1118	100
	Não apresenta	729	222	30,5	507	69,8		100
Dificuldades acadêmicas	Apresenta	384	184	47,9	200	52,1	1118	100
	Não apresenta	734	189	25,7	545	74,3		100
Dificuldades de adaptação	Apresenta	132	72	54,5	60	45,5	1118	100
	Não apresenta	986	301	30,5	685	68,5		100
Estresse	Apresenta	109	64	58,7	45	41,3	1118	100
	Não apresenta	1009	309	30,6	700	69,4		100
Sintomas de ansiedade	Apresenta	323	162	50,2	161	49,8	1118	100
	Não apresenta	795	211	26,5	584	73,5		100

Nota: N = 1118.

Fonte: Elaborada pelos autores.

A partir da análise das tabelas 1 e 2, pode-se destacar a alta frequência de sintomas de depressão em: estudantes que apresentaram queixas relativas à estresse (58,7%), às dificuldades de adaptação (54,5%), os conflitos emocionais (52,9%), os sintomas de a ansiedade (50,1%), a dificuldades acadêmicas (47,9%) e estavam matriculados no sexto ano em diante do curso (45,9%).

O teste qui-quadrado de independência foi realizado para identificar se existe relação significativa entre a variável dependente e as variáveis independentes. Na Tabela 3, foram dispostos os dados do qui-quadrado (χ^2), do grau de liberdade (gl) e da probabilidade associada (p-valor) das variáveis.

Tabela 3. Resultado do teste qui-quadrado de independência entre as variáveis

Variáveis independentes	Variável dependente / Sintomas de depressão		
	χ^2	Gl	p-valor
Gênero	3,51	1	0,061
Faixa etária	3,43	2	0,180
Unidades acadêmicas	11,07	4	0,892
Tempo no curso	10,02	5	0,075
Assistência estudantil	1,48	1	0,224
Problemas emocionais	98,15	1	< 0,001
Conflitos de relacionamento	7,98	1	0,005
Dificuldades acadêmicas	55,72	1	< 0,001
Dificuldades de adaptação	30,21	1	< 0,001
Estresse	43,92	1	< 0,001
Ansiedade	57,61	1	< 0,001

Fonte: Elaborada pelos autores.

Os valores encontrados, na Tabela 3, indicam ser bastante improvável que as associações identificadas ocorram apenas ao acaso entre sintomas de depressão e as variáveis independentes: conflitos de relacionamento [$\chi^2(1) = 7,98$; $p = 0,005$], dificuldades acadêmicas [$\chi^2(1) = 55,72$; $p < 0,001$], problemas emocionais [$\chi^2(1) = 98,15$; $p < 0,001$], dificuldades de adaptação [$\chi^2(1) = 30,21$; $p < 0,001$], estresse [$\chi^2(1) = 43,92$; $p < 0,001$] e sintomas de ansiedade [$\chi^2(1) = 57,61$; $p < 0,001$].

Por outro lado, analisando os dados da Tabela 3, a mesma associação não foi observada entre sintomas de depressão e as variáveis independentes: faixa etária [$\chi^2(2) = 3,43$; $p = 0,180$], gênero [$\chi^2(1) = 3,51$; $p = 0,061$], unidades acadêmicas [$\chi^2(4) = 11,07$; $p = 0,892$], tempo de curso [$\chi^2(5) = 10,02$; $p = 0,075$] e assistência estudantil [$\chi^2(1) = 1,48$; $p = 0,224$].

Mas, para confirmar as associações encontradas no teste qui-quadrado e, assim, evitarmos o erro Tipo I, ou seja, que implica em rejeitar a hipótese nula quando ela é verdadeira, foi realizado o teste *post hoc* do qui-quadrado, conforme apresentado na Tabela 4.

Tabela 4. Resultado do teste *post hoc* do qui-quadrado entre as variáveis

Variáveis independentes	Categorias	α	Variável dependente
			Sintomas de depressão
			p
Gênero	Masculino	0,012	0,057**
	Feminino	0,012	0,057**
Faixa etária	Até 20 anos	0,008	0,368**
	21 a 24 anos	0,008	0,072**
	Acima de 25 anos	0,008	0,230**
Unidades acadêmicas	FACET	0,005	0,617**
	FCA	0,005	0,841**
	FCBS	0,005	0,920**
	FIH	0,005	0,424**
	ICT	0,005	0,484**
Tempo no curso	Primeiro ano	0,004	0,134**
	Segundo ano	0,004	0,548**
	Terceiro ano	0,004	0,072**
	Quarto ano	0,004	0,617**
	Quinto ano	0,004	0,317**
	Sexto ano em diante	0,004	0,036**
Assistência estudantil	Recebe	0,012	0,230**
	Não recebe	0,012	0,230**
Queixas	Problemas emocionais	0,012	< 0,001*
	Conflitos de relacionamento	0,012	0,005*
	Dificuldades acadêmicas	0,012	< 0,001*
	Dificuldade de adaptação	0,012	< 0,001*
	Estresse	0,012	< 0,001*
	Ansiedade	0,012	< 0,001*

Nota: * $p < \alpha$; ** $p > \alpha$.

Fonte: Elaborada pelos autores.

Com os dados do teste *post hoc*, apresentados na Tabela 4, pode-se confirmar a existência de relação significativa, como observado no teste qui-quadrado, entre a variável dependente sintomas de depressão e as variáveis independentes problemas emocionais, conflitos de relacionamento,

dificuldades acadêmicas, problemas de adaptação, estresse e sintomas de ansiedade, dessa forma, rejeita-se a hipótese nula de que não existe associação entre essas variáveis.

Da mesma forma, os dados apresentados na Tabela 4 indicam não haver associação significativa entre os sintomas de depressão e as variáveis independentes gênero, faixa etária, tempo no curso, unidades acadêmicas e assistência estudantil, aceita-se, assim, a hipótese nula de que não existe associação entre essas variáveis.

O teste de Regressão Logística Binária foi proposto para verificar se o modelo contendo as variáveis independentes (gênero, faixa etária, unidades acadêmicas, tempo de curso, assistência estudantil, conflitos emocionais, conflitos de relacionamento, dificuldades acadêmicas, dificuldades de adaptação, estresse e sintomas de ansiedade) são preditoras de sintomas de depressão em estudantes universitários, que receberam atendimento psicológico na Universidade pesquisada.

Sendo assim, o modelo criado com as variáveis independentes foi testado e pode-se verificar que ele consegue prever de forma adequada o aparecimento de sintomas de depressão nos estudantes atendidos, conforme os resultados descritos abaixo:

1. O resultado encontrado dos testes de coeficientes de modelo Omnibus [χ^2 (11) = 193,297; $p < 0,001$] demonstram o modelo contendo as variáveis independentes é diferente do modelo sem as variáveis e consegue classificar de forma adequada 70,6% do total de casos de sintomas de depressão, enquanto que o modelo sem variáveis classifica de forma adequada em 65,7% do total dos casos de sintomas de depressão;
2. O valor da razão de Verossimilhança log - 2 foi igual a 1175,920, com o R^2 de Nagelkerke igual a 0,229;
3. O resultado do nível de significância, valor-p, do teste de Hosmer-Lemeshow foi menor que 0,214, indicando que as categorias previstas são diferentes das categorias observadas.
4. Diante disso, o teste de Regressão Logística Binária foi realizado e os valores da equação estão dispostos na Tabela 5

Tabela 5. Resultado do teste de Regressão Logística Binária entre as variáveis

Variáveis independentes	Variável dependente / Sintomas de depressão							
	B	S.E.	Wald	gl	p	OR	95% IC para OR	
							Inferior	Superior
Gênero	0,017	0,172	0,010	1	0,919	1,018	0,727	1,425
Faixa etária	-0,008	0,119	0,005	1	0,943	0,992	0,786	1,252
Unidade acadêmica	-0,059	0,051	1,321	1	0,250	0,943	0,853	1,042
Tempo de curso	0,009	0,055	0,026	1	0,873	1,009	0,905	1,125
Assistência estudantil	0,163	0,155	1,100	1	0,294	1,177	0,868	1,595
Conflitos emocionais	1,156	0,151	58,733	1	0,000	3,178	2,365	4,272
Conflitos de relacionamento	0,169	0,155	1,183	1	0,277	1,184	0,874	1,604
Dificuldades acadêmicos	0,737	0,150	24,011	1	0,000	2,089	1,556	2,805
Dificuldades de adaptação	0,645	0,218	8,737	1	0,003	1,905	1,243	2,922
Estresse	0,706	0,240	8,666	1	0,003	2,026	1,266	3,242
Sintomas de ansiedade	0,742	0,159	21,816	1	0,000	2,101	1,538	2,868
Constante	-1,796	0,497	13,041	1	0,000	0,166	-	-

Nota: coeficiente (B), erro padrão (S.E.), a estatística de Wald com os graus de liberdade (gl) e a significância (p), a razão de chances (*odds ratio* [OR]) e o intervalo de confiança (IC) para OR.

Fonte: Elaborada pelos autores.

Pode-se destacar que as categorias de estudantes que apresentaram conflitos emocionais (OR = 3,178; IC 95% = 2,365 - 4,272), sintomas de ansiedade (OR = 2,101; IC 95% = 1,538 - 2,868), dificuldades acadêmicas (OR = 2,089; IC 95% = 1,556 - 2,805), estresse (OR = 2,026; IC 95% = 1,266 - 3,242) e dificuldades de adaptação (OR = 1,905; IC 95% = 1,243 - 2,922), são preditoras significativas ($p \leq 0,05$) de sintomas de depressão em estudantes universitários.

Dessa forma, a razão de chance dos estudantes universitários analisados desenvolverem sintomas de depressão é 3,2 vezes maior para aqueles que apresentam problemas emocionais. Assim como, a chance de desenvolverem sintomas de depressão é 2,7 vezes maior para os que apresentam sintomas de ansiedade, 2,1 vezes maior para os que apresentam dificuldades acadêmicas, 2 vezes maior para os que apresentam estresse e 1,9 vezes maior para os que apresentam dificuldades de adaptação.

Entretanto, em relação às variáveis gênero, faixa etária, unidades acadêmicas, tempo de curso, assistência estudantil e conflitos de relacionamento, não foi identificada a mesma predição estatisticamente significativa ($p > 0,05$).

Discussão

O presente estudo buscou identificar e analisar, a partir de dados de prontuários de atendimentos psicológicos realizados a estudantes de graduação da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, no período de 2015 a 2018, os fatores preditores de sintomas de depressão. Foi observado que os estudantes apresentaram queixas relacionadas a sintomas de ansiedade, a dificuldades acadêmicas, a dificuldades de adaptação, ao estresse e a conflitos emocionais, sendo essas queixas preditoras do aparecimento de sintomas de depressão nessas pessoas.

Ressalta-se que a depressão é um transtorno mental grave que acomete mais de 300 milhões de pessoas no mundo (OPAS, 2018). No ambiente universitário brasileiro, investigado pelo FONAPRACE (2019), os sintomas da depressão atingem 22,9% dos estudantes, com tristeza persistente, 28,2%, com desamparo/desespero, 45,6%, com desânimo/desmotivação, 23,5%, com solidão, 10,8%, com ideia de morte, e, finalmente, 8,5% dos estudantes manifestam pensamento suicida. O suicídio é a segunda principal causa de morte entre estudantes universitários (Santos *et al.*, 2017).

No estudo conduzido por Barroso, Oliveira e Andrade (2019) com estudantes universitários, foram identificadas as correlações da depressão com a solidão, com os hábitos dos universitários, com a área do curso e com a falta de suporte social do estudante. Da mesma forma, Castro (2017) identificou em sua amostra de universitários que 26,8% se encontravam em faixas de depressão. Em outro estudo relevante sobre o tema, Souza (2017) observou em 59,2% dos estudantes sintomas depressivos. Ou seja, fatores relacionados à vida do estudante universitário aumentam o risco do surgimento e do agravamento da depressão.

Outro dado relevante identificado na presente pesquisa e corroborado com os estudos de Souza (2017), e Ariño e Bardagi (2018), é a relação entre depressão e ansiedade. Estudantes que se queixavam de sintomas de depressão também se queixavam de ansiedade. Brandtner e Bardagi (2009, p. 89) observaram que em alunos de graduação existe “uma alta correlação entre ansiedade e depressão, indicando comorbidade”. Assim como, a comorbidade de depressão e ansiedade está correlacionada “com o abuso de álcool e uso de entorpecentes” (Brandtner; Bardagi, 2009 *apud* Galindo *et al.*, 2008, p.89). Em função dessa correlação causal, a comorbidade pode ser agravada pelo uso e abuso de álcool e de substâncias psicoativas.

As dificuldades de adaptação, algo comum a estudantes que acabaram de ingressar na universidade, têm sido alvo dos estudos de Coulon (2017). Segundo o autor, os maiores problemas dos estudantes ocorrem no primeiro ano da graduação, quando vivenciam um tempo de estranheza. Nesse momento, “tudo lhes parece estranho: o ritmo das aulas não é mais o mesmo, as regras mudaram, as exigências dos professores também mudaram, ao ponto em que certos estudantes se perguntam o que realmente devem fazer”. (Coulon, 2017, p. 1246).

No estudo conduzido por Matta, Câmara e Bonadiman (2019), foi verificado que existe

uma diminuição da procura pelo atendimento psicológico ao longo da graduação. Segundo os autores, “estudantes matriculados nos últimos períodos procuram menos o Serviço de Psicologia” (Matta; Câmara; Bonadiman, 2019, p. 56). Os autores sugerem “que isso ocorra pela habituação, socialização e aprendizagem do ofício de estudante nos rituais da vida acadêmica” (Matta; Câmara; Bonadiman, 2019, p. 56 *apud* Coulon, 2017).

No início do curso, os estudantes são colocados em um ambiente novo e desafiador, o que gera um certo desequilíbrio, criando uma série de dificuldades. Com o tempo, porém, como narra Coulon (2017), “descobrem e aprendem a utilização dos numerosos códigos institucionais e intelectuais que são indispensáveis a seu ofício de estudante. Eles começam a reconhecer e assimilar as evidências e as rotinas do trabalho intelectual” (Coulon, 2017, p. 1247). Assim, os estudantes adquirem a capacidade de se adaptarem às mudanças, o que possibilita enfrentar e superar os conflitos e as dificuldades que possam vir a ocorrer.

Na presente pesquisa, foi identificado que estudantes que apresentam estresse têm 2 vezes mais chance de apresentar sintomas de depressão. Outros estudos com estudantes universitários brasileiros também identificaram o estresse como uma queixa importante que afeta o seu cotidiano acadêmico. Castro (2017) observou essa queixa em 62% da amostra de estudantes pesquisados. Lameu, Salazar e Souza (2016) identificaram essa ocorrência em 50% dos estudantes, sendo que a maior parte das ocorrências concernia o sexo feminino.

Os dados analisados na pesquisa aqui apresentada não indicaram relação entre os sintomas de depressão e as variáveis gênero, faixa etária, assistência estudantil, unidades acadêmicas, tempo de curso e conflitos de relacionamento. A distribuição desses sintomas ocorreu de maneira independente, ao acaso. Assim, o fato de o estudante ser do gênero masculino ou feminino, mais jovem ou mais velho, ser mais ou menos vulnerável socioeconomicamente, estar vinculado a uma ou outra unidade acadêmica, estar no início ou final de curso ou enfrentar problemas relacionais, não está relacionado com a manifestação de sintomas de depressão.

Porém, Matta, Câmara e Bonadiman (2019) relataram que mais atendimentos psicológicos foram realizados para estudantes do gênero feminino, 73%. Para os autores, “a tendência do gênero feminino em buscar atendimento nem sempre se reflete em sua maior vulnerabilidade” (Matta; Câmara; Bonadiman, 2019, p. 56). Schraiber *et al.* (2010, p. 968) consideram que existe um padrão para a oferta e utilização de serviços de saúde para o gênero masculino, assim como o “modelo hegemônico de masculinidade desqualificam e são negadores, no caso dos homens”, de suas carências e necessidade de cuidado com a saúde. Da mesma forma, foi identificado por Matta, Câmara e Bonadiman (2019) que proporcionalmente estudantes que recebem assistência estudantil também receberam mais atendimento psicológico em relação aos que não recebem. Para os pesquisadores, isso reflete a necessidade de despender uma atenção especial aos estudantes vulneráveis socioeconomicamente.

Por fim, pode-se afirmar que as análises realizadas nesta pesquisa podem ajudar a Universidade pesquisada a priorizar ações preventivas e corretivas focadas principalmente nos fatores preditores que mais têm afetado a vida dos estudantes e contribuído para o aparecimento de sintomas de depressão.

Considerações finais

Com a presente pesquisa, pôde-se perceber que fatores associados à depressão têm afetado os estudantes universitários de diversas formas. Considera-se que as práticas acadêmicas desenvolvidas nas Universidades desempenham um papel importante no surgimento desses fatores. Infere-se concomitantemente que essas instituições podem promover ações para mitigá-los.

Segundo Barroso, Oliveira e Andrade (2019, p. 10), “a elaboração de propostas que visem o bem-estar dos universitários é essencial”. Para que isso ocorra, faz-se necessária a rápida identificação dos estudantes com algum tipo de adoecimento e sofrimento psíquico. É dessa forma que se garante o apoio adequado e os resultados satisfatórios na graduação (Rios *et al.*, 2019). Do contrário, “o desconhecimento sobre o estado emocional destes jovens adultos pode mascarar

condições psicopatológicas e privá-los de acompanhamento, prejudicando sua qualidade de vida” (Barroso; Oliveira; Andrade, 2019, p. 10).

De acordo com Peretta, Oliveira e Lima (2019, p. 1) “as rodas de conversa podem ser uma importante ferramenta para a atuação do psicólogo escolar na universidade”. Ainda segundo os autores, essa prática fornece “informações para ações institucionais, proporcionarem espaço dialógico de acolhimento, troca de experiências, reflexão e ressignificação” (Peretta; Oliveira; Lima, 2019, p. 1).

Nesse sentido, Araújo e Bressan (2017) destacam a importância da implantação de programas de apoio psicopedagógico e social e Mendes (2019) os serviços de acolhimento e atendimento clínico para universitários que têm mostrado resultados positivos por propiciar um maior envolvimento do estudante universitário com a instituição em que está inserido, favorecendo sua permanência.

Entretanto, novos estudos, com outras abordagens metodológicas, ainda são necessários para ampliação da identificação das causas de sofrimento psíquico, dificuldades acadêmicas, retenção em disciplinas e evasão dos estudantes universitários. Pois, ainda que a presente pesquisa tenha utilizado um grande quantitativo de dados, ela está limitada à população de estudantes que buscam ajuda psicológica. Sabe-se que cerca 63,7% dos acadêmicos não recorrem a esse tipo de ajuda (FONAPRACE, 2019).

Mas apesar disso, os resultados das ações realizadas, nas Instituições de Ensino Superior brasileiras, apresentadas no presente artigo, demonstram a importância de continuar realizando-as, respeitando-se sempre as especificidades de cada instituição.

Especificamente para os estudantes de graduação presencial da UFVJM, pode-se pensar em ações voltadas para aqueles estudantes que manifestaram queixas relativas a sintomas de depressão, sintomas de ansiedade, dificuldades acadêmicas, dificuldades de adaptação e estresse. Na mesma medida, se faz necessário o estabelecimento de uma política de assistência estudantil mais abrangente e integrada que privilegie os cuidados psicossociais e pedagógicos, para que se favoreça o desenvolvimento pessoal e profissional dos estudantes.

Assim como em ações focadas na criação de uma Política de Atenção à Saúde da Instituição, que forneça diretrizes para o desenvolvimento de programas que promovam a qualidade de vida, a saúde e o bem-estar na Instituição, permitindo uma maior integração das ações, que poderão ser executadas em conjunto pelas diversas unidades acadêmicas e administrativas da Universidade. Com essa política, podem-se promover ações de combate ao adoecimento, assim como, realizar parcerias com o poder público a fim de oportunizar, às pessoas da comunidade acadêmica o tratamento adequado.

Referências

AKAMA, Claudia Terumi. Um olhar sobre a relação professor-estudante no contexto universitário. *In: OLIVEIRA, Leida Calegário de; VANZELA, Ana Paula de Figueiredo Conte; SALVADOR, Lucimar Daniel Simões. Enfrentamento à retenção e evasão: Universidade no rumo certo.* Diamantina: UFVJM, 2019. p. 78-91. Disponível em: <https://repositorio.ufvjm.edu.br/items/58b8be4b-8137-4a4a-949c-e5b55b2f8d8c>. Acesso em: 27 de fev. 2025.

APA. American Psychiatric Association. **Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais: DSM-5.** 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.

ARAÚJO, Crislaine Luisa; BRESSAN, Vânia Regina. Ações de promoção à saúde, atenção psicossocial e educacional como práticas de integração universitária. **Congressos CLABES.** 2017. Disponível em: <https://revistas.utp.ac.pa/index.php/clabes/article/view/1618>. Acesso em: 27 de fev. 2025.

ARIÑO, Daniela Ornellas; BARDAGI, Marúcia Patta. Relação entre Fatores Acadêmicos e a Saúde Mental de Estudantes Universitários. **Psicologia em Pesquisa**, v. 12, n. 3, p. 44-52, 2018. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1982-12472018000300005&lng=e

[n&nrm=iso&tlng=pt](#). Acesso em: 27 de fev. 2025.

BARROSO, Sabrina Martins; OLIVEIRA, Nadyara Regina de; ANDRADE, Valéria Sousa de. Solidão e Depressão: Relações com Características Pessoais e Hábitos de Vida em Universitários. **Psic.: Teor. e Pesq.**, Brasília, v. 35, e35427, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0102.3772e35427>. Acesso em: 27 de fev. 2025.

BRANDTNER, Maríndia; BARDAGI, Marucia. Sintomatologia de depressão e ansiedade em estudantes de uma universidade privada do Rio Grande do Sul. **Revista Interinstitucional de Psicologia**, v. 2, n. 2, p. 81-91, 2009. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-82202009000200004&lng=pt&tlng=pt. Acesso em: 27 de fev. 2025.

CARVALHO, Eliane Alicrim de *et al.* Índice de ansiedade em universitários ingressantes e concluintes de uma instituição de ensino superior. **Ciência, Cuidado e Saúde**, v. 14, n. 3, p. 1290-1298, 2015. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/CiencCuidSaude/article/view/23594>. Acesso em: 27 de fev. 2025.

CASTRO, Vinícius Rennó. Reflexões sobre a saúde mental do estudante universitário: estudo empírico com estudantes de uma instituição pública de ensino superior. **Revista Gestão em Foco**, v. 9, p. 380-401, 2017. Disponível em: http://portal.unisepe.com.br/unifia/wp-content/uploads/sites/10001/2018/06/043_saude_mental.pdf. Acesso em: 27 de fev. 2025.

CONEP. Conselho Nacional de Saúde. **Resolução nº 510, de 07 de abril de 2016**. *Diário Oficial da União*, Brasília, 2016. Disponível em: http://www.in.gov.br/materia/-/asset_publisher/Kujrw0TZC2Mb/content/id/22917581. Acesso em: 27 de fev. 2025.

COULON, Alain. O ofício de estudante: a entrada na vida universitária. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 43, n. 4, p. 1239-1250, out./dez., 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1517-9702201710167954>. Acesso em: 27 de fev. 2025.

DANCEY, P. Dancey; REIDY, John. **Estatística sem matemática para psicologia**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006.

FIELD, Andy. **Descobrendo a estatística usando o SPSS**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

FONAPRACE. Fórum Nacional De Pró-Reitores De Assuntos Comunitário E Estudantis. **V Pesquisa do Perfil socioeconômico e cultural dos estudantes de graduação das instituições federais de ensino superior**. Brasília, DF, 2019. Disponível em: <https://www.andifes.org.br/?p=79639>. Acesso em: 27 de fev. 2025.

GOMES, Claudia; COMONIAN, Julia Oliveira; ARAÚJO, Crislaine Luisa. Sofrimento psíquico na Universidade: uma análise dos sentidos configurados por acadêmicos. **Revista Psicologia, Diversidade e Saúde**, v. 7, n. 2, p. 255-266, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.17267/2317-3394rps.v7i2.1909>. Acesso em: 27 de fev. 2025.

LAMEU, Joelma do Nascimento; SALAZAR, Thiene Lívio; SOUZA, Wanderson Fernandes de. Prevalência de sintomas de stress entre graduandos de uma universidade pública. **Psicologia da Educação**, v. 42, p. 13-22, 2016. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-69752016000100002. Acesso em: 27 de fev. 2025.

MATTA, Alexandre Henrique Amado da; CÂMARA, Victor Mayer dos Santos; BONADIMAN, Heron Laiber. Análise do mal-estar do estudante na perspectiva do perfil da clientela e das queixas acolhidas no atendimento psicológico de uma universidade federal. **Humanidades & Inovação**, v. 6, n. 8, p. 48-58, 2019. Disponível em:

<https://revista.unitins.br/index.php/humanidadesinovacao/article/view/1249>. Acesso em: 27 de fev. 2025.

MCDONALD, Paul L.; GARDNER, Robert C. Type I error rate comparisons of post hoc procedures for I×J chi-square tables. **Educational and Psychological Measurement**, v. 20, n. 60, p. 735-754, 2000. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/00131640021970871>. Acesso em: 27 de fev. 2025.

MENDES, Aline Aguiar. A saúde mental de jovens universitários: apontamentos sobre a parceria de trabalho entre a app – Puc Minas e o Bapu de Rennes na França. **Pretextos**. v. 4, n. 7, p. 50-60, 2019. Disponível em: <http://seer.pucminas.br/index.php/pretextos/article/view/20750>. Acesso em: 17 de fev. 2023.

OPAS. Organização Pan-Americana de Saúde. **Folha informativa: Depressão**. Brasília, DF: Autor. 2018. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/topicos/depressao>. Acesso em: 17 de fev. 2025.

PERETTA, Anabela Almeida Costa e Santos; OLIVEIRA, Ítalo Weiner Martins de; LIMA, Luana Mundin de. Roda de conversa sobre evasão: a psicologia escolar no ensino superior. **Psicologia Escolar e Educacional** [online], v. 23, e186484, 2019 Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2175-35392019016484>. Acessado em 27 de fev. 2025.

PINHO, Regina. Caracterização da clientela de um programa de atendimento psicológico a estudantes universitários. **Psicología, Conocimiento y Sociedad**, v. 6, n.1, p. 114-130, 2016. Disponível em: http://www.scielo.edu.uy/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1688-70262016000100006&lng=es&tlng=pt. Acesso em: 27 de fev. 2025.

RAMOS, Fabiana Pinheiro *et al.* Desafios na trajetória acadêmica e apoio psicológico ao estudante universitário: contribuições de dois Projetos de Extensão. **Revista Guará**, v.10, p. 57-67, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.30712/guara.v6i9.15783>. Acesso em: 27 de fev. 2025.

RIOS, Maria das Graças Vieira *et al.* Adoecimento e sofrimento psíquico entre universitários: estado da arte. **Humanidades & Inovação**, v. 6, n. 8, p. 23-31, 2019. Disponível em: <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadesinovacao/article/view/1259>. Acesso em: 27 de fev. 2025.

SANTOS, Hugo Gedeon Barros dos *et al.* Fatores associados à presença de ideação suicida entre universitários. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, v. 25, n. e2878, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1518-8345.1592.2878>. Acesso em: 27 de fev. 2025.

SCHRAIBER, Lilia Blima *et al.* Necessidades de saúde e masculinidades: atenção primária no cuidado aos homens. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 26, n. 5, p. 961-970, 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-311X2010000500018>. Acesso em: 27 de fev. 2025.

SELLTIZ, Claire, WRIGHTSMAN, Lawrence S., COOK, Stuart W. **Métodos de pesquisa nas relações sociais**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1987.

SOUZA, Deise Coelho de. **Condições emocionais de estudantes universitários: estresse, depressão, ansiedade, solidão e suporte social**. 2017. 90 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) Programa de Pós-Graduação em Psicologia, UFTM, Uberaba, 2017. Disponível em: <http://bdtd.uftm.edu.br/handle/tede/507>. Acesso em: 27 de fev. 2025.

TREIN, Eunice; RODRIGUES, José. O mal-estar na Academia: produtivismo científico, o fetichismo do conhecimento-mercadoria. **Revista Brasileira de Educação**. Rio de Janeiro, v. 16, n. 48, p. 769-792, set./dez. 2011. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=27520749012>. Acesso em: 27 de fev. 2025.

ZABALZA, Miguel A.. **O ensino universitário**: seu cenário e seus protagonistas. Porto Alegre: Artmed, 2004.

Recebido em 20 de Agosto 2024.
Aceito em 23 de setembro 2024.

